

EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE: O TEMA HANSENÍASE ABORDADO NO ENSINO FUNDAMENTAL

EDUCATION FOR THE HEALTH: THE TEMA HANSEN'S DÍASE APPROACHED IN THE FUNDAMENTAL TEACHING

Patrícia Mendes Bonfim¹
Lariza Borges Guerreiro²
Silmara Sartoreto Oliveira³

¹Pós-Graduação em Questões Ambientais e Saúde Pública/FIO,
patricia.bonfim@itefonica.com.br

²Pós-Graduação em Questões Ambientais e Saúde Pública/FIO,
larizabg@msn.com

³Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência /FC/UNESP,
sartoret@fc.unesp.br

RESUMO

O trabalho objetivou analisar as concepções que alunos do ensino fundamental traziam para a sala de aula sobre hanseníase, que é um problema de saúde pública no Brasil. O questionário foi aplicado nos cento e cinquenta e nove alunos da oitava série, em três escolas diferentes, sendo duas estaduais e uma particular. As questões foram analisadas por categorias de respostas, com a finalidade de organizar os resultados no que se referem ao conhecimento, “preconceito” sobre a doença e a importância de campanhas educativas sobre saúde. Os alunos não apresentaram conhecimento científico em relação à hanseníase, entretanto, os mesmos mostram-se pouco preconceituosos. Sobre as campanhas educativas, concluímos que há a necessidade de ampliar e atualizar as informações oferecidas nas escolas como forma de atingir a maioria da população.

Palavras-chave: hanseníase, concepções alternativas, educação para saúde.

Abstract

The research intended to anal to analyse the concept that Junior high school brought to classroom about Hansen's disease that is a public health problem in Brazil. Was applied a structured questionnaire with choice multiple questions, with one hundred and fifth and nine pupils of eight grade in three different, being two states and one private. The questions was analyse for category of answer with finality of to organize result that refer to the knowledge “prejudite” about sick and the importance of educational campaign about health. The student did not present scientific knowledge about Hansen's disease, however, the same shown few preconceptions. About educational campaign conclude that there is the necessities amplify and to update information offered in schools as form of reach the most population.

Keywords: Hansen's díase, alternative concepts, breeding to health.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (1995), o bacilo *Mycobacterium leprae*, agente etiológico da hanseníase, foi descoberto em 1873 por G.A. Hansen. É uma doença infecto-contagiosa, que apresenta uma evolução lenta, que se manifesta principalmente através de sinais e sintomas dermatoneurológicos sendo lesões na pele e nos nervos periféricos, nos olhos, nas mãos e nos pés (Brasil, 2002).

Além de envolver graves repercussões físicas, emocionais e sociais, o agravo da doença ocorre pelo diagnóstico tardio, abandono do tratamento pelos pacientes, baixo nível de esclarecimento sobre a doença, além das más condições de vida e saúde da população brasileira. Segundo Lana et al., (1997) a população carrega uma grande carga de estigma e preconceito sobre a doença, o que dificulta a execução de medidas de controle e profilaxia sobre a Hanseníase.

O Brasil é o segundo país com o maior número de casos registrados, estando atrás apenas da Índia (Opromolla et al., 2000). Como se tornou um tema relevante, em 1990 foi proposto pela Organização Mundial de Saúde o compromisso de atingir uma meta no controle e eliminação da hanseníase como um problema de saúde pública, sendo que no Brasil deva ser eliminada até o ano de 2005 (Brasil, 2002).

Para que haja um comprometimento entre as ações preventivas, promocionais e curativas, que vêm sendo realizada pelas equipes de Saúde da família, a população deve estar informada sobre os sinais e sintomas da doença, ter acesso fácil ao diagnóstico e tratamento. A pessoa com a doença deve ter orientação individual e familiar durante todo o tratamento, exigindo assim profissionais de saúde e ensino capacitados para lidar com todos esses aspectos (Brasil, 2002).

De modo geral, a comunidade, através dos grupos sociais que a compõem, necessita estar informada das ações que lhe dizem respeito e ter seus canais de participação junto aos serviços existentes, visando à garantia da saúde de seus membros. Com relação à hanseníase, faz-se necessário o esclarecimento das reais conseqüências da doença e, especialmente, de suas formas de prevenção, de modo a desmistificar seus aspectos perversos na visão da sociedade (como incurabilidade, mutilação, rejeição e exclusão da sociedade) e oportunizar ao cidadão uma reflexão sobre os conceitos envolvidos, informações adequadas com relação à sintomatologia, diagnóstico precoce e tratamento (Brasil, 2001).

Diante dessa problemática a educação para a saúde deverá ser realizada como um processo ativo, crítico e transformador, com intuito de construir o saber de modo coletivo e podendo contribuir para a aquisição de conceitos corretos na área e também melhorar a qualidade de vida dos alunos e de seus familiares, e não apenas transmitir informações e regras de higiene (Bastos, 1989 apud Martini, 1999).

Sabe-se que as concepções acerca do mundo são elaboradas pelos alunos desde seu nascimento e as acompanham também em sala de aula, onde os conceitos científicos são inseridos no processo de ensino e aprendizagem. Porém essas concepções apresentam uma conotação simplista para explicar os fenômenos ou preceitos científicos. Tais concepções são caracterizadas como construções pessoais dos alunos que foram elaboradas de forma espontânea com a interação dos estudantes com o meio e com as pessoas com as quais convivem (Pozo, 1998 apud Oliveira, 2002).

Para Mortimer (2000), o ensino efetivo em sala de aula, depende de um elemento facilitador representado pelo professor. Neste caso, ele propicia à seus alunos situações sobre o conteúdo, em que possam utilizar as suas concepções alternativas, não havendo a necessidade de abandoná-las, já que são muito importantes para a construção do conhecimento do aluno. No processo de ensino e aprendizagem, as etapas de construção do conhecimento percorridas entre professor e aluno são imprescindíveis. O que torna este fato significativo para que os alunos atinjam um novo nível de conhecimento com a interação do professor.

É consenso geral que o tema hanseníase, quando levado à sala de aula, é tratado como um problema distante da realidade, abordando sob explicações tecnicistas e não conduzindo o aluno a perceber a hanseníase como uma realidade presente, constituindo um grave problema de saúde pública em nosso país (Goffman, 1982).

Considerando que a escola exerce um papel transformador e busca proporcionar aos alunos uma visão mais ampla da realidade de seus alunos no que se refere saúde e que os auxilie no desenvolvimento de uma visão crítica da realidade em que estão inseridos, a educação em saúde visa informar os aspectos sintomatológicos, a importância do exame periódico e tratamento precoce e prevenindo possíveis incapacidades. Para tanto, decidiu-se investigar as concepções alternativas que alunos do ensino fundamental trazem para a sala de aula sobre o tema hanseníase para assim analisar se os programas educativos propostos pelo governo chegam até as escolas de forma eficaz.

Sendo assim este trabalho objetivou apresentar aos docentes e profissionais em educação para a saúde a importância e a necessidade da abordagem dos temas relacionados ao cotidiano do aluno, assim como fazer um levantamento das concepções alternativas que os mesmos trazem para a sala de aula sobre o tema hanseníase, já que este se refere a um conteúdo formal de ciências para a saúde proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Com a proposta da Organização Mundial da Saúde (OMS) de eliminar a doença no Brasil até o ano de 2005, decidiu-se iniciar a investigação pesquisando as concepções alternativas e possíveis estigmas que alunos do ensino fundamental trazem para a sala de aula sobre o tema “hanseníase”, que se trata de um conteúdo que faz parte da realidade dos alunos.

Pesquisadores em ensino (Simpson & Arnold 1982, apud Oliveira, 2002), têm se preocupado com a análise das concepções alternativas dos alunos, já que acreditam que a aprendizagem escolar é influenciada principalmente pelo que o estudante conhece. Baseado nesse ponto de vista realizou-se uma análise das concepções alternativas dos alunos sobre o tema Hanseníase e para tal foram considerados alguns pressupostos teóricos.

Sobre as Concepções Alternativas

Santos (1998) considera como precursores do Movimento das Concepções Alternativas (MCA) dois grandes teóricos Piaget e Ausubel. Ambos defendem que o sujeito, como suas ações, que determinará a organização e estruturação de seu conhecimento. O sujeito é parte ativa do processo de desenvolvimento da estrutura cognitiva. Ele é parte atuante e essencial no processo de construção do conhecimento, com sua visão acerca do mundo, pois é o alvo de interesse nesse processo. Sem sua participação efetiva, a construção dos conceitos não ocorre, portanto não haverá aprendizagem, apenas transmissão de conhecimentos que se apresentam desvinculados da realidade.

O ensino efetivo em sala de aula para Mortimer (2000), depende de um elemento facilitador representado pelo professor. Neste caso, ele propicia a seus alunos situações sobre o conteúdo, em que possam utilizar as suas concepções alternativas, não havendo a necessidade de abandoná-las, já que são muito importantes para a construção do conhecimento do aluno. No processo de ensino e aprendizagem, as etapas de construção do conhecimento percorridas entre professor e aluno são imprescindíveis. O que torna este fato significativo para que os alunos atinjam um novo nível de conhecimento com a interação do professor.

De acordo com Oliveira (2000), as pesquisas sobre concepções alternativas são constituídas por levantamentos de idéias, pensamentos, expressões espontâneas apresentadas por estudantes, com relação aos fenômenos ou conceitos científicos. Tais pesquisas se estendem pelos mais diversos fenômenos e conceitos. As amostragens utilizadas nestas pesquisas incluem sujeitos de diferentes faixas etárias, desde o ensino infantil até o universitário. Existem várias

metodologias de pesquisa para a coleta de dados: questionários, entrevistas individuais e coletivas, observação direta, composição e desenho livre.

As concepções alternativas são definidas como concepções inibidoras da aprendizagem, considerando-as estáveis, resistentes à mudanças, mesmo após a aprendizagem dita científica, que posteriormente o aluno é submetido. Isto é comprovado por vários estudos, constatados através de avaliações realizadas após algum tempo decorrido do ensino formal, que demonstram a permanência das concepções alternativas dos alunos após apresentação do conteúdo formal de ciências (Ausubel, 1980 apud Oliveira, 2000).

De acordo com Oliveira (2000), as concepções alternativas, geralmente consideradas incorretas ou inadequadas, possuem coerência e lógica própria. A grande preocupação está relacionada com os métodos tradicionais de ensino, que freqüentemente não promovem o rompimento com o ensino tradicional, permitindo a preservação da concepção alternativa.

Para Mortimer (1995), a importância específica de diferentes formas de saber (saber cotidiano, saber científico, saber filosófico, etc) impõe a tarefa de buscar “um modelo teórico alternativo para analisar a evolução conceitual em sala de aula”. De acordo com esta noção, as novas idéias adquiridas no processo de ensino e aprendizagem passam a conviver com as ideais anteriores, e como consequência disso, temos um indivíduo que pode apresentar duas ou mais versões para o mesmo conceito.

Mortimer (2000) acrescenta que o saber cotidiano e o saber científico coexistem, e os indivíduos não precisam transformar ou abandonar antigas concepções para a construção do novo saber. Nesse sentido, a evolução dos estudantes ao longo do processo de escolarização se daria através de mudanças nos perfis conceituais. Além disso, o professor e a escola passariam a ter a tarefa de discutir os contextos específicos em que as diferentes versões de um mesmo conceito tornam-se mais ou menos apropriadas.

Já para Bastos (1991) para que a mudança conceitual das práticas pedagógicas se converta em efeitos desejados, requer trabalho e planejamento. O ensino escolar deve proporcionar situações de conflito cognitivo, onde o estudante se sentirá obrigado a abandonar antigas concepções, fazendo substituições por conceitos mais adequados. Para ocorrer a mudança conceitual, é necessário que o aluno esteja convencido de que suas concepções atuais são insuficientes para prosseguir no processo de novas aquisições conceituais.

No que se refere ao ensino de ciências, Piaget (1973), ressalta que o ensino de ciências tem sido apresentado em forma de revelação aos alunos como verdades científicas prontas e acabadas, o que contraria os estudiosos mais recentes de que a Ciência deve ser revelada ao aluno de forma dinâmica, em um processo de constante construção. O ensino de ciências não parte das experiências prévias dos alunos, e sim transmite os conceitos já estabelecidos pelos livros didáticos e pelo conhecimento docente (apud Moura, 1999).

Oliveira (2002) ressalta que a alfabetização em ciências, não significa uma simples distribuição do conhecimento acumulado pela Ciência, e sim visa qualificar cidadãos que sejam capazes não só de memorizar conteúdos, mas de entender os princípios básicos de como as coisas funcionam, adquirir habilidades cada vez mais criativas, estabelecer conexões entre o abstrato e os fenômenos, adquirindo uma visão analítica da Ciência.

Dentro da perspectiva de formar um cidadão crítico e autônomo, que saiba exercer seus direitos e deveres voltados ao bem-estar social, é necessário no ensino de ciências, contribuir para uma tomada de decisão, que vise adotar hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos de qualidade de vida. Outro aspecto focado por Cuberos (1988), é o da participação da família, do meio social e dos meios de comunicação como uma fonte externa que influencia as idéias prévias dos alunos.

Teixeira (1996) acredita que além dessas noções adquiridas pela vivência, há outras difundidas pela mídia, que reforçam as pré-concepções do aluno. Cabe a escola, a responsabilidade de estabelecer claramente os conceitos adequados, de modo a contribuir para

que o aluno possa conservar sua saúde e melhorar sua qualidade de vida. Todas as conceituações adquiridas fora da escola e consideradas no trabalho em sala de aula promovem a utilização plena do tempo do aluno na escola, proporcionando informações que lhe permita viver melhor e compreender melhor o seu mundo.

Educação para Saúde no Ensino Fundamental

Segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), em 1948, a saúde foi definida como um estado de completo bem estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença (Massabni, 2000).

Para Silveira e Castelhani (1988), esta definição poderia ser criticada por apresentar subjetividade, além disso, o processo de adoecimento pode ser abordado em níveis progressivamente mais abrangentes: o biológico, com relação aos aspectos orgânicos da saúde; o ambiental, se estendendo sobre as condições do meio em propiciar ou não o aparecimento das doenças, e o social, uma vez que a saúde está vinculada à sua organização (apud Oliveira, 2000).

Para Boruchovitch et al., (1991), os alunos do ensino fundamental entendem que a doença decorre do descuido com o próprio corpo, com relação à falta de higiene, alimentação inadequada e a exposição ao agente etiológico da moléstia.

De acordo com Massabni (2000), a saúde deveria ser abordada de modo dinâmico, estimulando a compreensão dos aspectos biológicos, econômicos, sociais, culturais e de suas inter-relações, particularmente no que tange à comunidade local, relacionando-os com o contexto de saúde da população brasileira.

Para Pimont (1977), a educação para a saúde tem que ser vista como uma mudança de comportamento com relação à saúde individual, da comunidade e do ambiente. Engloba também um conjunto de ações educativas formais e informais, realizadas no âmbito familiar, pelos meios de comunicação em massa, nas unidades de saúde públicas e particulares e nas escolas (apud Conceição, 1994).

A Hanseníase

A hanseníase é uma doença muito antiga, com uma triste imagem histórica na memória da humanidade (Brasil, 2002). O termo hanseníase foi introduzido por Rotberg (1969), para libertar uma doença física do estigma ligado à palavra lepra, causada por terror, ignorância e sensacionalismo.

A hanseníase é causada pelo *Mycobacterium leprae*, que é um bacilo parasita intracelular obrigatório, com afinidade por células cutâneas e por células dos nervos periféricos, que se instala no organismo da pessoa infectada, podendo multiplicar-se (Brasil, 2002).

Atualmente a maior prevalência da hanseníase se encontra no Sudeste Asiático, seguido de regiões da África e das Américas. O Brasil é o segundo país com o maior número de casos registrados, estando atrás apenas da Índia (Opromolla et al., 2000), o que a caracteriza como um relevante problema de saúde pública.

A transmissão ocorre diretamente de uma pessoa não tratada para outra por meio das vias aéreas superiores, entretanto, sendo necessário um longo período de exposição ao agente (OMS, 1995).

O aparecimento da doença na pessoa infectada pela bactéria depende da relação parasita/hospedeiro. Além das condições individuais, outros fatores relacionados aos níveis de endemia e às condições sócio-econômicas desfavoráveis, assim como condições precárias de vida e de saúde, e o elevado número de pessoas convivendo em um mesmo ambiente, influem no risco de adoecer (Brasil, 2002).

Opromolla et al., (2000) cita alguns fatores que favorecem a transmissão, tais como: (1) Intensidade da exposição: convivência íntima e duradoura com o doente bacilífero, sem tratamento; (2) Alimentação: a desnutrição é uma causa importante de diminuição da imunidade mediada por células; (3) Miséria: observa-se pela distribuição mundial da doença, que os países em desenvolvimento são os mais atingidos; (4) Falta de higiene e promiscuidade.

Quando a pessoa doente inicia o tratamento quimioterápico, ela deixa de ser transmissora da doença, pois as primeiras doses da medicação matam os bacilos, reduzindo-os a um número incapaz de infectar outras pessoas (Brasil, 2002).

A hanseníase manifesta-se através de sinais e sintomas dermatoneurológicos, levando a suspeita e ao diagnóstico clínico da doença. De acordo com Opromolla (2000), a primeira sensibilidade a se alterar é a térmica, depois a dolorosa e finalmente a tátil. Essa doença acomete o sistema nervoso periférico, ou seja, os ramos sensitivos cutâneos, provocando dormência nas lesões de pele, e os troncos nervosos periféricos, que provocam incapacidades e deformidades (Brasil, 2001).

Para Opromolla (2000), o controle da hanseníase dentro do aspecto da educação para saúde deve ser dirigida aos doentes e seus contatos, aos líderes da comunidade em geral e às equipes de saúde, visando: (a) Incentivar a apresentação voluntária de doentes e contatos à unidade de saúde; (b) Eliminar falsos conceitos sobre a doença; (c) Informar sobre aspectos sintomatológicos, importância do exame periódico dos contatos e tratamento precoce, prevenindo possíveis incapacidades; (d) Estimular a assiduidade às consultas periódicas nos serviços de saúde; (e) Instruir sobre os locais de tratamento.

Para o Ministério da Saúde (Brasil, 2002), o processo educativo nas ações de controle da hanseníase deve contar com a participação do paciente, dos familiares e da comunidade, nas decisões que lhes digam respeito, bem como na busca ativa de casos e no diagnóstico precoce, na prevenção e tratamento de incapacidades físicas, no combate ao eventual estigma e manutenção do paciente no meio social.

A Área Técnica de Dermatologia Sanitária / Ministério da Saúde e as Secretarias Estaduais e Municipais da Saúde encaminham documentos informativos sobre a hanseníase para as diversas entidades e meios de comunicação em massa, visando maximizar os conhecimentos científicos atuais sobre a doença, de modo a evitar o uso de informações inadequadas. Devendo também estimular a produção de materiais de apoio, que subsidiem o processo educativo nas ações de controle da doença (Brasil, 2002).

A PESQUISA

O presente trabalho foi desenvolvido em três escolas distintas situadas no interior do estado de São Paulo entre os meses de fevereiro e março de 2004. Foram analisadas duas estaduais e uma particular, pois procuramos estabelecer um parâmetro do nível escolar e social dos alunos. Totalizaram cento e cinquenta e nove alunos da oitava série do ensino fundamental, com idades entre treze e vinte e seis anos, de ambos os sexos. Esta diferença de idade se justifica pelo fato de aplicarmos a pesquisa também em uma sala de ensino supletivo.

Nesta pesquisa, foram aplicados questionados para quarenta e sete alunos da Escola Estadual A, sessenta e quatro alunos da Escola Estadual B e quarenta e oito alunos da Escola C (particular).

Para fazer o levantamento das concepções prévias dos alunos, foi elaborado um questionário fechado, composto por vinte questões, que enfatizavam as concepções que os alunos tinham sobre a hanseníase, com relação ao conhecimento sobre a doença, presença de eventual preconceito e a importância atribuídas às campanhas realizadas pela mídia.

Na formulação do questionário, as perguntas foram agrupadas em categorias, com a finalidade de organizar a apresentação dos resultados.

Categoria I – Conhecimento: categoria que enfatiza conhecimentos sobre a hanseníase e suas formas de contágio, sintomatologia e tratamento:

Questões:

Q.01. Você já ouviu falar em lepra? Resposta: SIM

Q.02. E em hanseníase? Resposta: SIM

Q.03. É uma doença contagiosa? Resposta: SIM

Q.04. É causada por: Resposta: BACTÉRIAS

Q.05. Você acha que tem tratamento? Resposta: SIM

Q.06. É necessário afastar o paciente em tratamento da família? Resposta: NÃO

Q.08. Você conhece os sintomas da hanseníase? Resposta: SIM

Q.09. Qual desses sintomas é de hanseníase: Resposta: manchas na pele com perda de sensibilidade

Q.15. Você acha que tem muitas pessoas com hanseníase atualmente no Brasil? Resposta: SIM

Q.16. Você acha que essa doença já foi controlada nos dias de hoje? Resposta: NÃO

Categoria II – Comportamento e Preconceito: nesta categoria encontram-se as questões referentes ao comportamento e a eventual presença de preconceito:

Questões:

Q.07. O paciente com hanseníase deve ser afastado do trabalho? Resposta: SIM

Q.10. Você conhece alguém que tem hanseníase? Resposta: NÃO

Q.11. Você se relacionaria com uma pessoa portadora de hanseníase? Resposta: NÃO

Q.12. Apertaria a mão dessa pessoa? Resposta: NÃO

Q.13. Você sentaria do lado de alguém com hanseníase na escola? Resposta: NÃO

Q.14. Se alguém da sua família contrair a doença, você acha que ele (a) tem que ficar isolado (a) para sempre? Resposta: SIM

Categoria III – Campanhas Publicitárias/Educação: questões relativas às de campanhas publicitárias e a importância da educação para a saúde:

Questões:

Q.17. Você já viu alguma campanha sobre hanseníase através de: Resposta: TV

Q.18. A escola já promoveu palestras sobre este assunto? Resposta: NÃO

Q.19. Você acha importante aprender sobre essa doença? Resposta: SIM

Q.20. Você acha que escola também é responsável pelas informações sobre a saúde? Resposta: SIM.

Os questionários foram aplicados em dias pré-estabelecidos pelas escolas, no horário da aula da disciplina de ciências de cada sala de aula e série. No primeiro momento, informamos aos alunos a finalidade do questionário, que se tratava de uma pesquisa sobre as concepções alternativas relacionadas à hanseníase, não tendo, portanto, caráter de avaliação para obtenção de nota.

Ao final, os questionários foram recolhidos para iniciarmos o tratamento dos dados, que nos norteou na tabulação e obtenção dos resultados.

Após a interpretação e análise dos resultados, obtivemos dados referentes às categorias previamente agrupadas, onde estabelecemos um valor expresso em porcentagem (%) para cada questão, sendo demonstrado da seguinte maneira:

Categoria I – Conhecimento

De acordo com a análise dos resultados obtidos no que se refere ao conhecimento sobre a doença, onde analisamos as concepções dos alunos, sobre a hanseníase, sua forma de contágio, sintomatologia e tratamento, verificou-se que os alunos expressaram uma maior afinidade pela denominação histórica da doença, conhecida por lepra (62,90%) e, quando perguntando se os alunos já tinham ouvido falar em hanseníase, terminologia mais atual da moléstia, obtivemos um resultado de 52,21% das respostas.

Com relação à transmissibilidade, constatou-se que os alunos não apresentam conhecimento sobre a forma de contágio (75,47%) e quando perguntou-se sobre seu agente etiológico, os resultados foram ainda mais significativos, pois 89,30% dos alunos desconhecem que a doença é causada por uma bactéria.

A respeito do controle e cura, verificou-se que a maioria dos alunos (69,81%) sabem que a doença tem tratamento e reconhecem (62,63%) seus sinais e sintomas dermatoneurológicos, sendo apontados por manchas na pele e perda de sensibilidade.

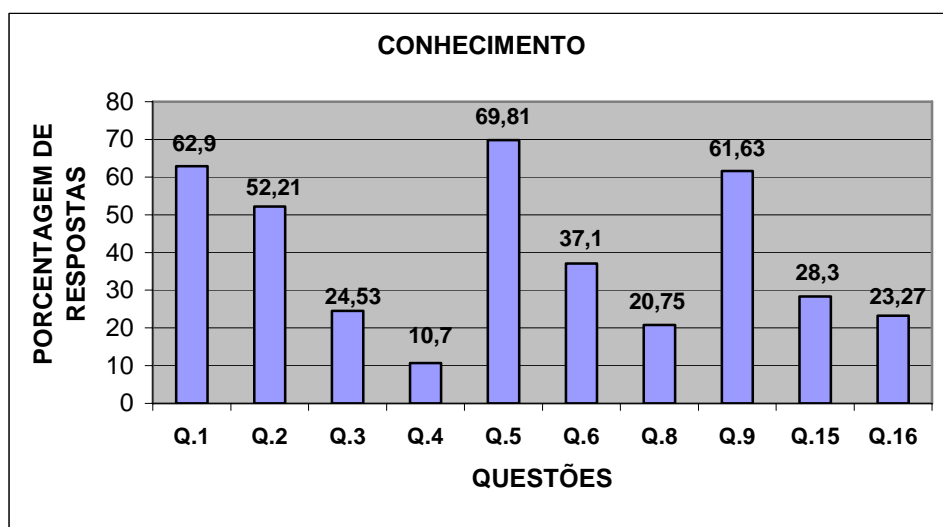


Fig.1: Representação dos resultados em porcentagens referente à Categoria Conhecimento

Porém, 62,90% dos alunos desconhecem que, a partir do início do tratamento, o paciente deixa de transmitir a doença, não precisando ficar isolado da família. Quando a doença é definida como um problema de saúde pública, com relação à profilaxia e dados epidemiológicos (índice de prevalência), constatou-se que os estudantes não conhecem essa problemática, pois para apenas 28,30% dos alunos existem muitos pacientes hansenianos e 23,27% dos estudantes sabem que a doença ainda não foi controlada em nosso país.

Categoria II – Comportamento e Preconceito Sobre a Doença

Na análise do comportamento e preconceito, verificou-se que o preconceito é caracterizado por reações emocionais, onde a conduta individual ou coletiva está relacionada com a diminuição da proximidade ou rejeição, sendo observadas pela dificuldade nos relacionamentos interpessoais.

Sobre o comportamento e a presença de eventual preconceito, pode-se constatar que os estudantes apresentaram algum tipo de preconceito em suas respostas. Porém apenas dois alunos (1,26%) conhecem pessoas portadoras de hanseníase. Com relação à questão sobre se o

hanseniano deveria ser afastado do trabalho, 35,85% dos alunos afirmaram que sim, demonstrando uma eventual rejeição. E, quando questionamos sobre o possível relacionamento com o portador, sessenta e dois alunos (39%) responderam não e trinta e um alunos (19,50%) afirmaram que se relacionariam, sem nenhum problema com este indivíduo.

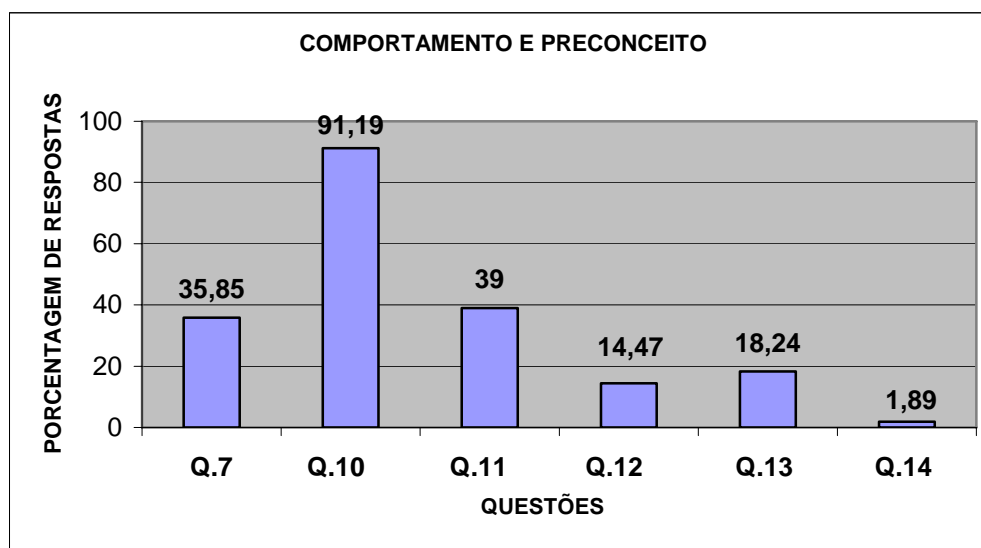


Fig.2: Representação dos resultados em porcentagens referente à Categoria Comportamento e Preconceito

Ainda sobre o aspecto social, vinte e três alunos (14,47%) não “apertariam a mão” de um hanseniano e vinte e nove alunos (18,24%) não “sentariam ao lado” de um portador de hanseníase na escola.

Categoria III – Campanhas Publicitárias / Educação

Sobre as campanhas publicitárias e importância da educação para a saúde, verificou-se que o meio de comunicação mais acessível é a televisão, onde sessenta e oito alunos (42,77%), afirmaram terem visto campanhas preventivas sobre a doença. Porém, resultados contrastantes revelaram que sessenta e nove alunos (43,40%) nunca observaram nenhuma forma de campanha educativa.

Ainda sobre a visualização de cartazes, 11,94% dos alunos já ouviram falar sobre o tema pelo rádio e três alunos (1,88%) optaram por este meio de divulgação.

Com relação à educação para a saúde, constatou-se que nas escolas não promovem palestras sobre o tema, de acordo com os relatos dos alunos apresentados nestes questionários, (1,26%). Ainda verificou-se que a maioria dos alunos (86,16%), considera importante aprender sobre essa doença e que (84,28%) dos estudantes também consideram a escola responsável pelas informações sobre a saúde.

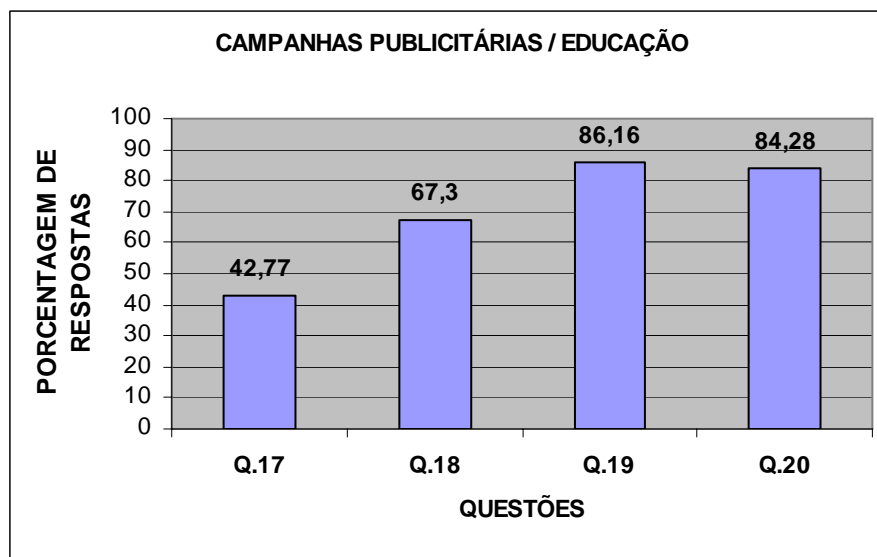


Fig.3: Representação dos resultados em porcentagens referente à Categoria Campanhas Publicitárias / Educação

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pesquisou as concepções alternativas dos alunos sobre o tema hanseníase, que permitiram algumas observações dos dados obtidos.

Após a entrega do questionário, os alunos nos indagaram sobre a identificação da doença, seu agente etiológico e sua forma de contágio, demonstrando interesse em uma explicação prévia do tema abordado, confirmando a idéia de pesquisadores sobre as concepções alternativas, no que se refere à substituição de antigas concepções por conceitos adequados, através de situações que possam proporcionar tal reflexão e obtenção de conceitos científicos.

A pesquisa das concepções alternativas dos alunos pode auxiliar os docentes na reflexão sobre sua posição mediadora diante das respostas obtidas sem conhecimento científico dos alunos, antes mesmo da abordagem científica na sala de aula. Quando o aluno consegue construir um significado, através do processo de ensino e aprendizagem, o que lhe foi ensinado passa a ser integrado em sua estrutura cognitiva, permitindo-lhe uma maior integração e ampliação de sua visão acerca do mundo.

Os resultados obtidos através do questionário, tanto das escolas públicas como da escola particular, confirmaram que os alunos apresentam baixo conhecimento científico sobre a hanseníase, o que constata a falta de conscientização sobre esta doença, que ainda representa um importante problema de saúde pública no Brasil.

Com relação aos dados referentes à presença de preconceito, obtivemos índices baixos sobre tal comportamento, porém devemos levar em consideração que apenas dois alunos conheciam pessoas portadoras de hanseníase, nos levando a questionar sobre a autenticidade desse índice.

No que diz respeito aos dados obtidos sobre as campanhas publicitárias, verificamos que as mesmas podem ser consideradas limitadas pelo fato de que divulgam apenas informações sobre os sintomas iniciais da doença, que inclusive, pode-se confirmar tal afirmação diante das respostas obtidas com relação à sintomatologia, ratificando a necessidade da elaboração de campanhas mais abrangentes, no que se refere aos aspectos de profilaxia, contágio, tratamento e incapacidades físicas.

Mediante tal análise, percebeu-se que os dados obtidos confirmam que, desde a infância, as crianças têm experiências e hábitos relacionados à saúde compartilhados por seus familiares e amigos, elaborando concepções prévias à aprendizagem escolar. Fato que ressalta a importância

efetiva da escola, especialmente na educação para a saúde, proporcionando obtenção de conhecimentos científicos através de abordagens corretas e atualizadas sobre os temas relacionados à saúde pública e promovendo o desenvolvimento da consciência sobre o direito à saúde.

Diante de tal situação constatada, decidiu-se elaborar um mini-curso para a população envolvida, com o intuito de proporcionar uma situação reflexiva sobre a importância do conhecimento da hanseníase.

REFERÊNCIAS

- Ausubel, D.P., Novak, J.D. Hanesian, H. Psicologia educacional. 2ªed. Rio de Janeiro, Interamericana, 625p. 1980. Apud Oliveira, R.R. *Temas de anatomia e fisiologia humana no ensino fundamental: proposta de uma metodologia alternativa envolvendo a construção de modelos*. Bauru, 2000. 121p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista.
- Bastos, F. *O conceito de célula viva entre os estudantes de segundo grau*. São Paulo, 1991. 109p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
- Bastos, W.G. Programa de educação para a saúde de alunos do primeiro grau. Rio de Janeiro, 1989. 143p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apud Martini, P.J. *Hanseníase Estigmas e Preconceitos: uma temática para ser abordada nas escolas de ensino fundamental e médio*. Bauru, 1999. Monografia. Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista.
- Boruchovitch, E.; Felix-Souza, I.C.; Schall, V.T. *Conceito de doença e preservação da saúde de população de professores e escolares de primeiro grau*. Rev. Saúde Pública. São Paulo, 25 (6), 418-25, 1991.
- Brasil. Ministério da Saúde. *Guia para o controle da hanseníase*. Série Cadernos de Atenção Básica; n.10. Série A. Brasília. Normas e Manuais Técnicos; n.111, 2002.
- Brasil. Ministério da Saúde. *Hanseníase: Atividades de Controle e Manual de Procedimentos*. Brasília. Área Técnica de Dermatologia Sanitária, 2001. 178p.
- Cuberos, R. *Los esquemas de conocimiento de los niños – Um estudio sobre el proceso digestivo*. Cuadernos de Pedagogia, 165, p. 7-60,1988.
- Goffman, E. *Estigma*. Rio de Janeiro: Zahar Edits, 3ª ed. 1982.
- Lana, F.C.F. et al. *Situação epidemiológica da hanseníase no município de Belo Horizonte, M.G.; 1992 a 1997*. Hansenologia Internationalis, Bauru, v.25, n.2, p. 121-132, 2000.
- Massabni, V. *O conceito sobre sistema imunológico nos livros didáticos de Ensino Médio*. Bauru, 2000. 114p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista.
- Mortimer, E.F. *Linguagem e formação de conceitos no ensino de ciências*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. 383p.
- Mortimer, E.F. Construtivismo, mudança conceitual e ensino de ciências: para onde vamos? In: *Escola de verão para professores de práticas de ensino de Física, Química e Biologia*, 3, 1994. Serra Negra. Coletânea. São Paulo: FEUSP, 1995. p.56-74.
- Mortimer, E.F. Construtivismo, mudança conceitual e ensino de ciências: para onde vamos? In: *Escola de verão para professores de práticas de ensino de Física, Química e Biologia*, 3, 1994. Serra Negra. Coletânea. São Paulo: FEUSP, 1995. p.56-74.

Oliveira, R.R. *Temas de anatomia e fisiologia humana no ensino fundamental: proposta de uma metodologia alternativa envolvendo a construção de modelos*. Bauru, 2000. 121p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista.

Oliveira, S.S. *Análise das concepções alternativas sobre fibra muscular entre alunos do ensino superior*. Bauru, 2002. 83p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista.

Opromolla, D.V.A. et al. *Noções de hansenologia*. Bauru: Centro de Estudos Dr. Reynaldo Quagliato, 2000. Organização Mundial da Saúde. Um guia para eliminar a hanseníase como problema de saúde pública. 1ª Edição. Genebra, 1995.

Piaget, J. Para onde vai a educação? Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. 89p apud Moura, G.R.S. *O ensino de ciências nas 5ª e 6ª séries da escola fundamental*. Bauru, 1999. 168p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista.

Pimont, R.P. A educação em saúde: conceitos, definições e objetivos. Bol. Of Sanit. Panam. 82:14,1977 apud Conceição, J.A.N. Ensino de saúde. In:_____. *A criança, a vida e a escola*. São Paulo: SARVIER. Série Pediatria, 1994. V.33, p.45-54.

Pozo, J.I. A aprendizagem e o ensino de fatos e conceitos. In: Coll, C. et al. Os conceitos na reforma. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 17-71. Apud Oliveira, S.S. *Análise das concepções alternativas sobre fibra muscular entre alunos do ensino superior*. Bauru, 2002. 83p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista.

Rotberg, A. “Hanseníase”, the new official name for leprosy in São Paulo, Brazil. Derm.Int.,p.2,1969. Apud Lastoria, J.C. *A reação de Mitsuda seriada na identificação das formas reacionais tuberculóides e dimorfa da hanseníase*. Botucatu, 1990.114p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista.

Santos, M.E.V.M. *Mudança conceitual na sala de aula: um desafio epistemologicamente fundamentado*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998. 262p.

Silveira, G.T. & Castellani, B.R. Abordagem da saúde no contexto do ensino de biologia. In: SCC. SP. CENP. Ensino de Biologia: dos fundamentos à prática. v.1, p.9-13, 1988 apud Oliveira, R.R. *Temas de anatomia e fisiologia humana no ensino fundamental: proposta de uma metodologia alternativa envolvendo a construção de modelos*. Bauru, 2000. 121p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista.

Simpson, M. & Arnold, B. The inappropriate issue of sub-sumer in biology learning. *European Journal of Science Education*, v.4, n.2, p.173-178,1982. Apud Oliveira, S.S. *Análise das concepções alternativas sobre fibra muscular entre alunos do ensino superior*. Bauru, 2002. 83p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista.

Teixeira, G.A.P.B; Santos, A.N; Soares, J.M. Proposições no ensino de imunologia e genética. In: *Encontro “Perspectivas no Ensino de Biologia”* São Paulo, Faculdade de Educação, 1996.